



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS da QUINZENA

● De vez em quando vamos ouvindo que agora tudo está pior. Que a miséria ainda é maior. Que há menos gente disponível para os Outros. Será? Não será? A dúvida pode abafar-nos no desânimo. O pessimismo é capaz de grandes obstruções. Se aquilo é mesmo a verdade, para quando a nossa disponibilidade de fazer o bem e a justiça social? Se não é, porque não impedir — actuando — possibilidades de um regresso a situações iguais ou similares?

● É já a segunda vez que um senhor, do Porto, nos procura inquietar à sua maneira para lhe darmos ajuda na resolução estritamente parcial de um problema muito complexo. É o drama de velhinhos mendigos, sem ninguém, e a dormirem e a comerem onde calha. Aquele homem até se oferecia para uma entrega total, já que a sua condição de viúvo o fazia disponível e alguns conhecimentos de culinária o tornariam mais útil, desde que uma estrutura de alojamento fosse criada. Pedi-lhe só que continuasse a incomodar todo o mundo, principalmente cristãos ou pessoas ou organismos mais directamente ligados ao problema. E pareceu-me que a angústia não safu dos olhos daquele homem de idade avançada, porque não lhe demos a solução pedida para um problema... As nossas limitações! É bom reconhecê-las cada vez mais. É bom que todos as conheçam para que os problemas sociais que dizem respeito a todos os homens não se desviem da solução que a todos, ou aos mais responsáveis pelo destino dos Outros, pertencem. As instituições para muitos são luz que encandeia e por isso não alumia.

● Aquela mãe — divorciada, desempregada, desprezada até pela família e desesperada a chorar — não precisou de mais nada para que um dos seus filhos ficasse logo conhecido. E foi o «batatinha» do Agostinho que o introduziu rapidamente na vida dos «Batatas»: «Anda comigo ver o nosso presépio». E as saudades todas se sumiram no calor de amigos tão iguais, na sorte...

Continua na QUARTA página

● Padre Horácio já há muito insistia para darmos uma «vista de olhos» pelos bairros degradados de Lisboa, como hoje se diz em linguagem adocicada, a sofismar a verdade das coisas. Calhou na semana finda, durante dois dias sucessivos. Diríamos que se tratou de jornada meramente «túristica», suficiente, todavia, para quem anda metido na realidade da vida; aquilatar a profundidade dos problemas e a sua gravidade. Se as preocupações que temos nas Casas de que somos responsáveis são, já de si, suficientes para nos tomarem o tempo e ocuparem o espírito, não podemos, nem queremos, deixar de nos debruçar sobre situações concretas, a exigir rápidas e eficazes respostas por parte dos Poderes Públicos, da Igreja e de todos os Homens dignos e de boa vontade. As dezenas de milhares de pessoas que vivem nas condições mais degradantes por esse mundo fora e dum modo especial mais próximo de nós, como na zona da grande Lisboa, são credoras do nosso respeito e motivo de grave inquietação.

Somos dos que entendem não serem as dificuldades razão para nos furtarmos ao empenhamento e ao cumprimento do dever. De teorias livrescas e de boas vontades sentimentais estamos cansados. Gostaríamos, e Deus nos oiça, de ver os Políticos e todos os Homens investidos em autoridade, cristãos ou não, debruçados sobre as questões concretas do Povo, procurando resolver ou, pelo menos, minimizar as suas graves ca-

AQUI, LISBOA!

rências, deixando de parte meros intuitos partidário-demagógicos ou proselitismos desincarnados. A verborreia fácil e académica pode ser muito interessante e digna de respeito, mas de nada valerá se não for completada por acção eficaz e consequente. Por isso nos atrevemos a sugerir aos Governantes deste País, Bispos e responsáveis das várias confissões, Párocos e outros Homens com responsabilidades, que se atrevam, sem preconceitos, a descer à rua e a ver com os seus próprios olhos as realidades, levando para os seus gabinetes, e não só, a inquietação indispensável, geradora dos grandes cometimentos, de que só um espírito de serviço lúcido e apaixonado é capaz.

Voltaremos ao assunto.

● Instados por um dos nossos Rapazes, a viver em França, ali nos deslocámos com dois seus antigos companheiros, em ordem a assistir ao seu casamento. As razões invocadas — «V. foi como meu pai» — e mais de uma dezena de anos de profunda intimidade, com as horas inerentes foram argumentos convincentes. Grave desastre sofrido e nada prejudicou o objectivo proposto, antes foi motivo de acção de graças, não só pela manutenção do dom da vida como pela ocasião que nos proporcionou de merecer o bafo reconfortante da solidriedade de quem nos convidara e de numerosa legião...

Cont. na 4.ª pá

O LANÇAMENTO DO SEGUNDO VOLUME «DOCTRINA»

O lançamento do segundo volume do livro DOCTRINA prossegue com entusiasmo.

Só nos falta servir menos de um quarto do total de assinantes da nossa Editorial, agora por atraso fortuito na impressão de uma parte da capa da obra (que por razões técnicas ficou retida) e foi já ultimada só pela mão de Quim Oliveira. Um verdadeiro teste de qualificação profissional — sem o auxílio dos técnicos que montaram a offset.

Eles já passaram ao aparato delas, na guilhotina. E, depois; meterão em capa dois milheiros de DOCTRINA para servirmos definitivamente tudo e todos.

A correspondência recebida é uma revelação da Revelação! São maços de cartas e postais de todos os quadrantes. Os nossos padres passam horas a abrir, a ler e a encaminhar correspondência! São horas deliciosas, de estímulo à nossa

vida. A prova real de que o Homem, por natureza, é um ser eminentemente espiritual e não mau grado o materialismo que o mundo é cheio — muita gente dinamiza, filosoficamente e não só.

Mas antes de revelarmos um pouco do muito que os nossos correspondentes acharam por bem, sublinhamos a receptividade de dezenas e dezenas de Amigos motivados, para DOCTRINA e outras obras de Pai Américo, pelos postais RSF que incluímos na penúltima edição de O GALATO. Respostas estereotipadas, mas implicitamente ricas de conteúdo. Basta ler, depois, as ressonâncias para avaliarmos quanto a inquietação espiritual — militância por um Mundo Melhor — provocam em suas almas, os livros de Pai Américo.

Cont. na 3.ª pá



É de esperança o olhar desta criança. E mal iria o mundo se a não compreendesse...

PELAS CASAS DO GAIATO

A VENDA DO JORNAL NO NORTE DO PAÍS

Vou falar da venda de O GAIATO no Norte do País, especialmente no Porto.

Na capital do Norte despachamos cerca de 4.000 jornais. E temos, ainda, venda do jornal em Braga, Espinho, Aveiro, Viana do Castelo, etc., onde ficam mais de 800 exemplares.

A venda do Porto é feita da seguinte maneira: na quinta-feira saímos de Paço de Sousa, os chamados «vendedores de sexta»: Avelino «Batalhão», Cascaia, «Spinola» e Mendão que, depois, segue para Aveiro.

No sábado partem para o Porto os restantes: «Salsichas», «Penacova», «Faniqueira», «Cebolinha», «Algarvio», Jorge, «Rebuçados», «Cascais» e o Dias. E, com este grupo, vão também os seguintes para várias terras: Emílio (Viana do Castelo), «Papa-gaio» (Póvoa de Varzim), «Rolita» (Braga) e Riera (Espinho).

A venda do jornal tem corrido muito bem. Aqui vai uma saudação para todos os nossos Amigos.

José Avelino Ferreira

Benguela

O PEDRO — Queridos leitores, mais uma vez escrevo para o famoso O GAIATO. Desta feita venho para vos falar do nosso Pedro:

É um rapaz com muito interesse pelos animais. Em todos os seus passeios pela nossa Aldeia e pela vizinhança, o Pedro vai sempre acompanhado do seu fiel amigo que é o cão.

Desta vez até teve a honra de ser fotografado pelo senhor Bispo, D. Óscar, quando regressava de um dos seus passeios pela nossa Aldeia acompanhado do seu amigo «Lobito». O «Lobito» foi uma oferta do nosso António Angolano que morava no Lobito.

Certo dia fomos lá vender O GAIATO e, de regresso a Casa, passámos

pela casa do António Angolano e trouxemos o «Lobito» que era ainda muito pequenino. Ao chegarmos a casa ele foi logo alvo de satisfação para o Pedro, que não descansou enquanto não tomou conta do cão.

Depois de o ter nas suas mãos, tratou logo de arranjar sítio para o colocar e criou-o à sua maneira.

Agora que o «Lobito» já é grande, o Pedro não se cansa de passear com ele.

Para todos os lados que o Pedro vá, nunca se esquece de levar o seu grande companheiro de viagem.

Ele gosta muito de cães. Todas as vezes que vai à cidade e vê um cão bonito, o Pedro pensa logo em trazê-lo consigo!

Por agora, queridos leitores, nada mais tenho para vos dizer do Pedro. Outra vez pode ser que o Pedro se resolva a fazer coisa interessante para contar.

Para todos os leitores envio um forte abraço do vosso Pedro.

NATAL — Festejámos o Natal, Nascimento do nosso Salvador, data a que também podemos chamar Festa da Família.

Nesse dia, recordámos que numa gruta e numa manjedoura a Virgem deu à luz o Rei dos reis, que se fez pobre para exemplo dos homens.

Este ano, como nos anteriores, não poderia deixar de haver uma festa na nossa Família.

Depois da ceia, enquanto esperávamos a chegada da hora para a Santa Missa da meia-noite, tivemos um pequeno convívio muito alegre no nosso salão de Festas.

Ao chegar a hora da celebração fomos para a Santa Missa. Depois de terminar, regressámos ao refeitório onde ofereceram lembranças a todos os membros da Comunidade.

E assim passámos o nosso Natal alegremente. Deus queira que para o ano que vem o possamos festejar do mesmo modo.

Para todos vós, queridos leitores e amigos, em nome da nossa Casa do Gaiato de Benguela, desejamos feliz Ano Novo.

Carlos Alberto

Paço de Sousa

DESPORTO — Últimamente, como aliás vem acontecendo, tem havido grande movimento desportivo.

Houve um campeonato de futebol para iniciados, até aos 12 anos, proporcionado pela Direcção Geral de Desportos.

Não nos saímos muito mal, e, pelo menos, mostrámos o que sabíamos e podíamos.

Queremos ainda agradecer as holas que a D. G. D. nos ofereceu. Obrigado.

Mais tarde, dia 1 de Janeiro, foi a prova de S. Silvestre, com boas classificações e bastantes taças a nosso favor.

Na classificação individual, entre os primeiros 10 lugares seis foram ocupados por nós e por equipas fomos os primeiros.

Em 7 de Janeiro houve um encontro entre a equipa A e B para o torneio «Bola de Neve».

Venceu a equipa A, mas como a Direcção Geral dos Desportos nos ofereceu umas medalhas, fez-se um outro jogo entre a equipa B e A, vencedora, depois de um renhido desquite.

Obrigado à Direcção Geral dos Desportos pelas medalhas que ofereceu.

No sábado, 14 Janeiro, houve futebol, à tarde. Pela nossa equipa alinharam: Manuel de Sá, Pires, «Manuel da Senhora», Mário, Tinoco, Escalreira, Miguel, «Russo», «Eusébio», Álvaro e Sérgio; suplentes: Humberto, Maciel, Zé Manuel e «Risinho».

Ao intervalo estávamos a perder 1-0.

Na segunda parte, o devido aos aplausos e apoio da nossa falange, o jogo ficou empatado 2-2.

Queremos agradecer ao Grupo Desportivo do Banco Pinto Sotto Mayor 12 pares de chuteiras e a bola que nos ofereceu e pedir desculpa por só agora termos ocasião de agradecer.

A uns amigos nossos, cujos nomes desconhecemos, agradecemos, também, o par de redes que nos cederam. A todos, bem hajam!

INSTRUMENTOS MÚSICAIS —

Mais uma vez vimos apelar para a compra de instrumentos musicais.

Como dissemos no número anterior, estamos a pensar nas nossas próximas Festas, daí o fazermos agora esta campanha.

Já recebemos um sinal, de uma nossa amiga do Porto: um piano já velho, mas que, sendo concertado, será um bom instrumento.

A quantia de 500\$ da nossa amiga «portuense qualquer», e esta cartinha:

«No último O GAIATO, lido da primeira à última linha, como sempre, vi o artigo «Instrumentos musicais» e resolvi mandar uma pequenina ajuda para esse fim.

Assim, junto 500\$ e com eles os votos sinceros de que muitas e maiores ofertas vos cheguem para aquisição dos instrumentos musicais de que necessitam».

Ainda de um outro nosso amigo, já há bastante tempo, 150\$ para o mesmo fim.

Oxalá os votos da nossa amiga portuense se façam ouvir por toda a gente de boa vontade.

Obrigado a todos!

MELRES — No fim-de-semana, 14 e 15 de Janeiro, respectivamente, alguns dos números das Festas do ano passado foram levados a Melres.

Já não foi a primeira vez, mas o certo é que houve uma melhoria em relação aos anos anteriores em todos os aspectos.

Cada vez mais a gente de Melres nos deixa estupefactos com a sua amizade e convivência.

Fomos sábado à tardinha, para actuarmos às 9,30 h no Salão Paroquial daquela localidade. Não estava nem meio, talvez a hora não conviesse...

No final do espectáculo fomos distribuídos por casas das pessoas que tinham possibilidade de dar guarida a mais um.

Todos tiveram onde dormir. E a hora marcada para o pequeno-almoço

foi às 9,30 h. Mesmo assim, ainda houve quem chegasse tarde!

Tomámos o pequeno-almoço em casa do senhor Ramiro, muito nosso amigo e «borga» de todas as Festas, não esquecendo os convites individuais para quando pudéssemos aparecer por lá!

De seguida, 11 horas, participámos e cantámos na Missa, em que, geralmente, só assiste gente de idade.

Nós lá cantámos, tocámos e participámos. O P.e Abel presidiu.

Correu bem, além de uma ou outra desafinação, tanto por parte dos músicos como do coro.

O almoço foi na sala da Banda Melrense, como aliás já é costume. Todos nos reunimos, Gaiatos e grupo coral de Melres, mais ligado ao programa.

O almoço estava delicioso. A música foi, também, ótima e apropriada: brincadeiras não faltaram. Enfim, convívio!

Às 15 horas houve mais um espectáculo no salão, que encheu, como aliás já era de prever, não contando as pessoas que por lá estavam de pé!

O público soube portar-se como devia, e nós não ficámos atrás — além de um ou outro engano. Mas, como toda a gente sabe, não somos profissionais...

No intervalo tivemos a esperada surpresa: P.e Moura veio assistir para, de seguida, nos transportar a Casa.

Quando terminou o espectáculo ninguém arreudou pé. Todos comandados pelo Jaime, ajudámos a guardar a roupa, aparelhagem, instrumentos, etc.

No fim houve merenda, também na sala da Banda, seguindo-se o já tradicional «baile de gala».

Cada um procurando companhia e lá ia pulando, rodando, enfim, marcando ritmo conforme a música.

Foi uma tarde de convívio e música, de alegria e descanso de espírito.

Que pena a sala estar a tromer, prometendo mesmo, com mais um pouco de gente, o chão ir parar ao parque das ambulâncias...

E pronto, houve as despedidas e arrancámos com destino a Casa.

Esperamos, agora, o grupo coral de Melres, como aliás prometeu, e esperamos mais tarde ou mais cedo voltar de novo a Melres...

Obrigado pela alegria e satisfação que nos deram!

JARDINAGEM — Os nossos jardins, bem como as sebes da nossa quinta, estão agora arranjadinhos e bem compostos.

O Fernando Dias mal-lo Rafael por lá andam, com a tesoura, na faina da poda.

As nossas ribanceiras já têm arame farpado de protecção, a fim de que as pessoas de fora, e mesmo a comunidade, não estraguem os «chóros» que tanta graça dão às ribanceiras.

Estão os dois de parabéns!

AGRADECIMENTO — Nos convites formulados para actuarmos em Festas de Natal pediam um programa onde fosse explicado o nosso sentido de Boas Festas e Ano Novo.

Vou responder, não para o dito programa, mas para os nossos leitores. Boas Festas, sim, as nossas foram ótimas. Ninguém esperava tanto. Os tempos não vão nada sorridentes... Porém, este Natal foi dos melhores

para nós! Parece impossível, mas é a realidade.

Damos graças por tudo. Não esquecemos as ofertas recebidas. Oh tantas e tão boas! Foram brinquedos para os mais pequenitos; lambarices (tantas e tão boas) para os mais velhos; foram pulseiras, cintos, pentes, calças, camisolas e mais e mais...

Amigos: um abraço agradecido de todos nós que sorrimos abertamente na Noite de Natal ao sentirmos tanto amor e tanto carinho.

Fostes lembrados junto do Menino no Presépio.

Termino lembrando ou apelando para que, neste ano novo, toda a Humanidade saiba sorrir, seja capaz de sorrir sempre perante os dias que se aproximam!

Marcelino

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

SERVIÇO SOCIAL — A pobre mulher abordou-nos.

Anda com muita dificuldade. Podia ter passado recado e a gente ia até lá, a sua casa. Mas não! Achou que faria melhor assim, com sacrifício...

Ralhámos. Ficou inteirada. E aceita não fazer mais sacrifícios desta ordem.

Quería saber se entrávamos em contacto com a Assistente Social da Caixa a fim de lhe ser concedido mais um subsídio especial; modalidade não comum às restantes.

Dias depois da nossa carta, aparece à nossa banca de trabalho a Assistente Social, já nossa conhecida. Regressava, exactamente a pé, do domicílio da pobre mulher. Ficámos surpresos e radiantes. Só foi pena ela não ter tempo de perder tempo. Ia apanhar a camioneta da carreira.

— Que é do seu carro?!

— Da outra vez utilizei-me dele por causa da minha mãe. De resto, como vê, faço todo o serviço assim, de comboio ou de camioneta...

Ficámos ainda mais radiantes com o sentido de austeridade desta moça, de distinta família do Porto, e já de si discreta, como convém, a quantos se debruçam, voluntária ou profissionalmente, no serviço dos Outros.

Ela, nesse dia, andou uns bons quilómetros a pé! Mas abalou feliz, com um sorriso nos lábios.

Quem nos dera que em todas as Caixas, mesmo nas que ainda não, houvesse Assistentes Sociais desta marca. Não era preciso a gente andar às turras com a papelada. Elas seriam, digamos, a melhor ligação entre as carências de toda a ordem do beneficiário e a rigidez dos regulamentos ou a natural frieza da burocracia.

Quando nascerá um novo dia?!

PARTILHA — Um bom amigo da rua Eng.º Carlos Amarante, do Porto, pôs em ordem as suas contas com O GAIATO e a nossa Editorial: «Se sobrarem algumas migalhas poderás recebê-las para a Conferência Vicentina».



O Pedro e o «Lobito»

Património dos Pobres

Lar Operário em Lamego

Vai ser uma grande alegria quando as famílias receberem pelos respectivos párocos a ajudinha que lhes vamos enviar.

Vai ser uma grande alegria e é com pena nossa que não tenham recebido esta ajudinha na altura em que a pediram. Mas... o que havia esgotou-se.

Se os irmãos pobres vão sentir grande alegria quando receberem, também os irmãos oferentes a sentiram e continuarão a sentir. A Senhora que oferece todo o 13.º mês e lhe junta mais umas migalhas para que a oferta possa responder à aflição dos irmãos que quer ajudar. E desabafa o desgaste que lhe causa o seu trabalho.

O engenheiro sempre atento aos nossos apelos e que procura esforçar-se para dar resposta positiva e que fica triste porque não consegue o suficiente para cada caso que gostaria de resolver.

A senhora já idosa que vem amparada à filha, na companhia dos netos, entregar suas ofertas e regressa feliz porque nos encontrámos.

Os Amigos que neste Natal passaram pela Casa do Castelo, de Coimbra, ou outras casas e deixaram a sua prenda de Natal e viveram um Natal mais feliz.

Aquele casal, a casa de quem fui e que sempre tanto desejou ter casa própria, conseguiu há

pouco comprar um andar humilde. Tem continuado a poupar muito para oferecer também casa a família pobre. Depois nas minhas mãos tudo quanto consegui amealhar para este fim, triste por não poder dar resposta a todas as aflições que «O Gaiato», sublinhado em cima da mesa, publicava. Casal tão bondoso e tão discreto, tão feliz no repartir de há tantos anos, que me animou mais a não parar e a procurar estar atento e anunciar as aflições dos irmãos que de nós se aproximam.

Na semana passada, P.e Luiz e eu fomos dar uma voltinha pelos arrabaldes de Lisboa: Amadora, Venda Nova, Pontinha. Dia seguinte, por Musgueira, Camarate, limites do aeroporto, Charneca, Algés, Vales do Jamor. Que cidades de lata e papelões e restos velhos! Na véspera tinha chovido quase nada e ainda assim o ambiente era de tanta lama e tanto lixo! Como será aquilo em dias de inverno? Que será daquela gente nascida e criada assim?

Há anos que por ali não passava. Pelo que tenho escutado eu, português e em Portugal, julgava-me já distante daquilo que os meus olhos agora viam. Deus do Céu e da Terra, o trabalho que está à nossa espera e tantos sem trabalho! E tantos a não quererem trabalhar! E tantos a esbanjar aquilo a que outros têm direito!

Hoje, um pároco que tem trazido muitos irmãos aflitos, veio dizer-nos que aquela família com oito filhos e o pai doente — e que com ajudas já estava a levantar sua casinha — caiu dos andaimes e partiu os dois braços! E agora?!

Agora vamos afligir-nos também — e ainda mais — e vamos todos continuar a ajudar.

Padre Horácio

O LANÇAMENTO DO SEGUNDO VOLUME «DOCTRINA»

Cont. da 1.ª pág.

Aí temos Coimbra, onde foi gerada a Obra da Rua:

Incluo dois cheques: um para O GAIATO, outro para pagamento do segundo volume do DOCTRINA.

Ao falar em pagamento, reporto-me à simples materialidade das coisas.

A sua essência espiritual não é susceptível de satisfação pecuniária. Por ela, só posso exprimir profundo agradecimento. Das páginas do «Famoso» e dos volumes da Editorial continuam a fluir a palavra do Evangelho, fiel, vivida, a agitar as consciências e a mover as almas. É ela que aponta para a Eternidade, na Justiça e na Paz por que o nosso Portugal tanto anseia.»

Faro:

«Tenho presente o segundo volume DOCTRINA, de Pai Américo.

Tenho por hábito levantar-me sempre muito cedo, e antes de ir para o trabalho faço uma leitura no livro que me enviaram. Leio, choro e medito. Com isto digo tudo.»

Lisboa:

Incluo 150\$00 como agradecimento pelo DOCTRINA.

Os livros de Pai Américo estão sempre em primeiro lugar. Raro é o dia em que não leio algumas páginas dos seus maravilhosos escritos, sempre tão actuais, tão revolucionários, tão cheios de amor pelo Próximo e pelo Evangelho que Cristo pregou.»

Um sacerdote da diocese de Aveiro:

«Venho agradecer o DOCTRINA, de P. Américo.

Trago-vos, e venho atrasado, uma gota de esforço para as despesas.

O que a Obra da Rua dá (um espírito novo) não se paga, agradece-se ao Pai que se serve de homens limitados para fazer brilhar no mundo o Seu Amor.»

Ainda de Lisboa:

«Venho agradecer a remessa do DOCTRINA, que tenho quase lido.

Foi uma belíssima prenda de Natal, pelos momentos de satisfação que me tem dado. Na verdade, do pouco que tenho lido, não conheço nada como estes escritos do Padre Américo, tão directos e cheios de verdade, transmitindo-nos a sua fé profunda, humildade, entusiasmo e o seu grande coração, em que havia sempre lugar para todos os que dele se abeiravam em aflição. O segredo — ele o disse — é amar...»

E aguardamos a presença de muitos mais, interessados pelo DOCTRINA e por todas as obras da nossa Editorial.

Júlio Mendes

Júlio Mendes

É preciso coragem para não reolharmos o passado e para não contemplarmos exageradamente o futuro. Vamos vivendo o dia de hoje. Assim nos aconselham os livros santos, dizendo que ontem já passou e o amanhã não nos pertence, nem sabemos se chegaremos lá. E a oração que nos foi ensinada pelo Mestre, diz igualmente que nos basta o pão-de-cada-dia. Ao terminar o ano somos obrigados a concluir que sem reservas anteriores, sem orçamentos para o futuro, sem promessas com garantias, chegámos naturalmente onde estava previsto. É verdade que não se opera aos saltos. Cada rapaz, dentro do caminho escolhido, vai caminhando e vai progredindo.

Os que têm a responsabilidade, em momentos de Fé menos intensa, podem duvidar das possibilidades de continuar. Mas passa um dia e outro dia e, na soma das semanas, surgem os meses e o indispensável tem aparecido sempre.

Pagámos na Farmácia para

além de oito mil escudos; e na mercearia cerca de 36 contos. Conseguimos 21.713\$60 para carne e pão. Os outros 42.693\$40 chegaram para a luz, água, pequenas reparações, vestuário, etc.

Aqueles que nos enviaram lembranças para a Tómbola — selos usados, vales dos C.T.T., cheques do correio ou, ainda, donativos entregues por carta ou à mão — é que ajudaram ao total preciso para 1977.

Aqueles que apareceram por ocasião do Natal ou pelo ano adiante, uma e muitas vezes (alguns todos os meses), é que conseguiram valer ao Januário, à Lena, à viúva, aos dois rapazes que foram estudar.

Aqueles que enviaram roupas revistas, livros, calçado, artigos escolares para a Margarida e outros, é que permitiram que não ficássemos com dívidas para o ano seguinte.

Uma, ou outra vez, ainda ouvimos gritar à responsável que as cobertas das camas e os lençóis e as toalhas estão quase no fim; mas logo respondemos que nesse dia, no dia imediato ou na semana seguinte, o correio trará boas notícias e tudo ficará no seu lugar.

Com pequenas «notas» ou donativos maiores tem havido pão na mesa todos os dias e tudo o mais que é preciso para

o Lar de S. Domingos ter as portas abertas. E vai ser possível com o «aumento do meu ordenado», «parte do primeiro subsídio» ou com «metade da pensão que já esperava há 3 anos» caminhar os 365 dias de 1978. Enfim, com os que sempre têm estado connosco; com novos amigos que estão sempre a aparecer e sabem que o Lar de S. Domingos fica na Rua do Teatro, 16; com os que sabem que podem fazer despachos para Lamego-Central; e com os que têm Deus e os Irmãos no coração, não vale a pena lembrar as dificuldades que já passaram, nem temer o futuro que nos espera.

Padre Duarte

FILHOS ILEGÍTIMOS

O director do Instituto de Família e Acção Social, numa das sessões da I Semana de Estudos sobre Problemas de Infância e Juventude — que decorreu, há dias, na Fundação Calouste Gulbenkian — afirmou que das 180 mil crianças nascidas durante o ano de 1975, em nosso País, 13 mil eram filhos ilegítimos, dos quais apenas três mil foram perfilhados (!), donde se pode concluir — como disse no interessante trabalho — que cerca de seis por cento de cada geração não tem, em princípio, o suporte de uma família normalmente constituída.

E não! A Obra da Rua é testemunha.

Júlio Mendes

ORAÇÃO NO FIM DO ANO

Senhor, chega ao fim mais um ano da minha vida, nesta Angola que não me canso de amar.

Sinto-me cansado? Tu sabes. Na estrada que está para trás ficaram sonhos esfarrapados, flores que foram e já não são, melodias estranguladas, sorrisos que morrem. E, com tudo isto, continua a haver sangue de feridas incuráveis — desprezo, vingança, traição, ódio, guerras.

— Porquê?

— Pessoas que amei colocaram espadas onde o meu amor queria florescer.

E horas houve em que as lágrimas me afogaram interior-

mente num caudal que se estagnou em chaga.

Cheguei a perguntar — lembra-te? — se ainda conseguia amar toda a gente, tal como ontem, quando sonhava transformar o mundo com a varinha mágica da Fraternidade.

— Sim.

Senhor, que este sim acompanhe todo o nosso Povo, que não te ignora. Pelo contrário, agradece a gota de Amor que Tu depositaste nos corações.

Porém, Senhor...

Na poeira dos dias de mais um ano que já vivi, germinaram também sementes de Amizade e de Beleza.

Momentos houve em que o

carinho dos meus irmãos me fez sentir pequeno, insignificante e feliz.

Horas vivi em que me extasiei perante as transparentes maravilhas e os mistérios insondáveis deste Mundo que nos ofereceste.

Agradeço, Senhor, pela dor, pela alegria, pela vida que me deste.

Concede-me sempre que eu saiba vivê-la hoje, amanhã e neste jovem 1978. E que, no momento decisivo, suspenso entre a Terra e o Céu, eu possa partir como caminheiro que cumpriu a sua viagem e agora se dirige esperançado para a Eternidade com que sempre sonhou como ponto culminante a atingir.

Benguela, 1/1/78

«Solano»

AREIAS do CAVACO

Mais um atropelo à propriedade literária, mas quase vaga pelos longos silêncios de P.e Manuel António. Ainda desta vez a sina se manterá, ocupado como está com tarefas de re-estruturação do trabalho que os novos condicionalismos exigem.

Bananal era a grande e quase exclusiva cultura — o fundamento principal da nossa subsistência aqui. Toda a máquina estava disposta para a produção, embalagem e exportação do precioso fruto. A ex-

portação parou que não a procura, como, de resto, a procura de todos os bens alimentares, sub-produzidos ou difíceis de transportar. Mas faltou, em tempos, o combustível indispensável à rega — e banana não se faz sem muita água. Foi um morrer de bananais.

A necessidade de ocupar a terra e de subsistir voltou-nos para as culturas hortícolas, o possível imediato. Porém, tais culturas são muito contingentes e absorvem, na sua miudeza, uma atenção impossível para quem, com poucos quadros, tem de governar em todos os aspectos, que não só nem sobretudo os económicos, a vida de uma Comunidade de 125 Rapazes na sua maioria ocupados, pelo menos a metade do dia, com trabalhos escolares. Urgia, pois, reconverter e planificar — e eis o que se tem tentado. Em vez da quase mono-cultura que foi, três espécies de actividade com razoável expressão para além da dimensão doméstica que têm tido. Assim, no sector pecuário, galináceos para a produção de ovos e de carne, bem como o pequeno rebanho de ovinos, continuam a ser uma

actividade eminentemente caseira; mas a criação de suínos para carne e de gado leiteiro orientam-se para o mercado. Tal reclama um bom terço do terreno a forragens e capins de qualidade como a luzerna que aqui se dá tão bem e no segundo terço vai-se reconstituindo o bananal que começa já a dar os seus frutos. A terceira parcela da quinta, um pouco mais pequena do que as outras, ficará para horta que dê fartura à nossa cozinha e permitirá ainda responder a tantas solicitações que nos assediavam.

Nas nossas Casas, mesmo sem as extensões de Malanje e de Benguela, é da terra que

vem o pão das nossas Comunidades. Embora algumas oficinas, em algumas Casas do Gaiato, contribuam já com um bocadinho de significado para a subsistência das mesmas, a verdade é que elas são essencialmente escolas e já não é pequeno lucro se fizerem artistas competentes e ajudarem à formação de trabalhadores honestos. Nas quintas se investe o trabalho dos da Escola Primária fora dos tempos de aulas e dos estudantes dos Lares quando em férias. Assim se colhe a suficiência em muitos produtos; e, aqui em Angola, sobretudo, os bens permutáveis que nos permitem adquirir o que não produzimos. A grandeza do terreno obriga à utilização de mão-de-obra estranha, nem sempre muito assídua nem muito qualificada, o que torna mais di-

fícil e arriscada a determinação exacta do seu dimensionamento. Eis porque P.e Manuel, tão absorvido por esta urgente e ingrata tarefa, não romperá, ainda desta vez, o silêncio. Mas aqui lhe fica o repto, que esta sua coluna é também parte importante da sua missão.

X X X

Ao chegar de Malanje, atravessando a ponte sobre o rio Cavaco, festejei com palmas o fenómeno: levava água! Um palminho de água se tanto, mas levava!

Há quase 18 anos que o conheço e foi a primeira vez que o vi corrente e não só leito. Por isso o título da local, hoje, não vai cem por cento exacto!

Padre Carlos

NOTAS da QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

Nesta hora de mudanças, acertos e transformações que ninguém se recuse a participar na construção de uma sociedade mais feliz e aberta aos problemas dos mais marginalizados. É um dever de grandeza e humanidade.

Padre Moura

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

amigos e familiares que, longe da sua terra, labutam em prol de situações capazes, impossíveis de conseguir, e cada vez menos, neste pobre País.

A permanência em França, de cerca de dez dias, em contacto quase exclusivo com Emigrantes portugueses, e a viagem de regresso, de mais de 40 horas, em convívio mais ou menos acidentado com compatriotas de vários pontos de Portugal a trabalhar nos mais diversos pontos da Europa, permitiram-nos apreciar melhor os defeitos e as qualidades, estas em maior volume, da gente que somos. Adiantando a possíveis notas, a alinhar nestas colunas, não queremos deixar de pôr em evidência a capacidade de trabalho demonstrada pelos portugueses emigrados, o seu portuguêsismo ímpoluto, apesar da pouca atenção merecida e a sua descrença e o seu desalento pelo que vão sabendo passar-se na sua Terra. A alguns ouvimos que não estão dispostos a serem «máquinas de fabricar dinheiro», a remeter para o seu País, enquanto aqui se vão delapidando reservas e outros fundos e grande número de pessoas nada faz ou não quer trabalhar. A sua permanente saúde e o repetido desejo de regresso não lhe fazem, no entanto, perder a noção das realidades.

● Passou esta Casa o seu 30.º aniversário no passado dia 4 de Janeiro. Contando com o trabalho e a aplicação dos seus Rapazes e a amizade, nunca desmentida, dos obreiros de fora, é possível, apesar de tudo, surpreender os que nos visitam de olhos abertos, nacionais ou estrangeiros, com o teor da vida de Comunidade e da própria obra material erguida. Damos graças a Deus e, de mão unidas, vamos para a frente, que muito há ainda a realizar, procurando ser dignos da confiança que

em nós depositam, quer dizer, assegurar ao Rapaz os meios indispensáveis à sua promoção e ajudá-los a ser Homens.

● Como já aqui dissemos, dentro em pouco teremos duas casas de habitação ao dispor de 50/60 Rapazes. Os acabamentos são morosos, mas uma delas está mesmo no fim. Já vieram os colchões, travesseiros e as almofadas, aguardando-se a chegada das camas e das mesinhas de cabeceira. Uma ansiedade profunda nos invade pela hora da entrada

em serviço. Temo-nos cingido ao mais essencial, que a vida está como o fogo. Para dizer a verdade, e fazemo-lo como em segredo, gostaríamos de proporcionar às duas futuras pequenas famílias ocupantes, dois aparelhos de televisão e dois rádios para as respectivas salas de convívio. Pedimos a uma grande empresa, que gasta milhares com publicidade, e a resposta foi negativa, pois os seus critérios são só comerciais, muito diferentes dos nossos. Digam lá, porém, os nossos Amigos, para lá dos perigos e cuidados indispensáveis a ter em conta, se é possível, hoje, passar-se sem a televisão e a rádio numa casa de educação como a nossa!

Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal — Loures.

Padre Luiz

CARTAS

De Almada:

«A única coisa que tenho feito, e nem sempre, é ler O GAIATO.

Hoje faço mais alguma coisa: envio um cheque no valor de 1.000\$00 para pagamento da minha assinatura. Não sei se anula o meu débito material, mas... não peço desculpa, porque não a mereço, pelo atraso.

É que não tenho podido dispor de dinheiro para tal, pois tive de comprar móveis para a casa no valor de dezenas de contos; mais uma mesinha de luxo de uns seis, mais um espelho de cinco, mais roupas caras, mais as férias no estrangeiro, mais... enfim, umas coisas, porque eu sou um «bom» português e como tal: «eu quero lá saber, eu quero é cá o meu...» e o dos outros, se for possível. Além disso faço a austeridade «a la portuguesa», pois a gasolina está cara e não vou deixar apodrecer o carro à porta, só porque há gente que tem fome e frio e não tem família. Sou, portanto, um bom representante do egoísmo que afecta a humanidade.

Para minha vergonha continuam a enviar-me O GAIATO. Que o querido Padre Américo tenha dó deste peccador...»

De Santiago:

«Segue um cheque de 4.000\$00. É proveniente do meu 13.º mês. Apesar das doenças que tenho vindo a enfrentar, ainda me sobra para poder ajudar quem precisa bem mais do que eu.

Esbanjar, repugna-me — quando sei que há quem se sinte feliz com as minhas sobras. Assim, vou-as dividindo conforme me parece mais acertado.

Essa quantia coube à Casa do Gaiato, que por sua vez sabe onde estão as dificuldades por andar à cata delas, quando elas mesmas lhe não batem à porta.

«Há muito quem mendigue, já só vive mal quem quer.» Mas eu sei que não é verdade, pois os que não podem trabalhar — por doença, por velhice ou por tenra idade — não vivem mal porque querem.

É com mágoa que vejo desperdiçar ou acumular aquilo que Deus deu ao homem para ele saber administrar. Bem repartidinho, quanto bem iria fazer, sem fazer falta aos que recebem a mais!

O meu maior consolo na vida é poder amenizar as dores da alma ou do corpo ao meu Semelhante.

Espero em Deus poder vir a fazer melhor. Mas isso não depende só de mim. Confio no Senhor.»

RETALHOS DE VIDA

O Pedro Luís



É a primeira vez que eu faço o reconto da minha vida para O GAIATO e da maneira como hoje me encontro nesta Casa do Gaiato, onde estou a viver bem graças a Deus.

Eu nasci em 1961, tenho 16 anos. Sou natural do Luso, que hoje e sempre chamamos Leste de Angola. Estive no Luso durante nove anos. Em 1970 vim para cá com dois irmãos, que já são mais crescidos do que eu; um tem 17 anos e o outro 19. Já não sou, pois, em Benguela, das camadas mais pequenas a seguir aos «Batatas».

A nossa Casa é constituída pelos rapazes mais velhos, de 18 anos, porque a maioria dos outros já safu. Agora os únicos mais velhos são só quatro e dois estão na tropa.

Eu sou chefe dos «Batatas» e trabalho na alfaiataria. Não sou mestre, mas faço o que posso; e também já fui trabalhador no grupo dos varredores, regadores, limpezeiros, roupeiros e agora sou alfaiate. Estudo no 2.º ano do Ciclo.

Termino com muitos cumprimentos para todos os Amigos.

Pedro Luís («Pelé dos Santos»)

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa